



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO**

MILLENE CRISLAYNE SILVA DO NASCIMENTO

**EFEITOS DO USO DE CONTRACEPTIVOS HORMONAIOS:
REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO ACADÊMICO DE VITÓRIA DE SANTO ANTÃO
CURSO DE BACHARELADO EM SAÚDE COLETIVA

MILLENE CRISLAYNE SILVA DO NASCIMENTO

**EFEITOS DO USO DE CONTRACEPTIVOS HORMONAIIS:
REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**

TCC apresentado ao Curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

Orientadora: Prof. Ana Paula Lopes de Melo.

VITÓRIA DE SANTO ANTÃO

2022

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Nascimento, Millene Crislayne Silva do.

Efeitos do uso de contraceptivos hormonais: Revisão integrativa de literatura. / Millene Crislayne Silva do Nascimento. - Vitória de Santo Antão, 2022.

37

Orientador(a): Ana Paula Lopes de Melo

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, Saúde Coletiva - Bacharelado, 2022.

Inclui referências, apêndices.

1. Anticoncepcionais. 2. Contraceptivos. 3. Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionados a Medicamentos.. I. Melo, Ana Paula Lopes de. (Orientação). II. Título.

610 CDD (22.ed.)

MILLENE CRISLAYNE SILVA DO NASCIMENTO

**EFEITOS DO USO DE CONTRACEPTIVOS HORMONAIOS:
REVISÃO INTEGRATIVA DE LITERATURA**

TCC apresentado ao Curso de Bacharelado em Saúde Coletiva da Universidade Federal de Pernambuco, Centro Acadêmico de Vitória, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Saúde Coletiva.

Aprovado em: 23 / 05 / 2022.

BANCA EXAMINADORA

Ana Paula Lopes de Melo.

Profº. Ana Paula Lopes de Melo
(Orientadora)
Universidade Federal de Pernambuco

Alice Valença Araújo

Profº. Dra. Alice Valença Araújo (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

Jorgiana Oliveira Mangueira

Profº. Ms. Jorgiana Oliveira Mangueira (Examinador Interno)
Universidade Federal de Pernambuco

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela minha vida e por me dar força para seguir em frente e vencer as dificuldades e ansiedades ao longo do curso.

A minha mãe Márcia e a minha avó Josefa Cecília, e ao meu noivo Lucas, pelo amor, incentivo e apoio incondicional. Amo vocês!

A minha orientadora, prof^a. Ana Paula, por todo apoio durante a construção do trabalho, por sempre me encorajar e pela paciência comigo.

A todos os meus amigos, que sempre estiveram torcendo por mim.

A todas as minhas clientes que estiveram comigo compartilhando um pouco de cada fase, desde o início até o final.

Enfim, agradeço a todas as pessoas que fizeram parte dessa etapa decisiva em minha vida!

Suba o primeiro degrau com fé, não é
necessário que você veja toda a escada,
apenas dê o primeiro passo.

Martin Luther King

RESUMO

Os métodos contraceptivos são formas de evitar a gravidez e, cada vez mais, ganham importância devido a diversos fatores, como por exemplo as mudanças no padrões de iniciação sexual e vivência da sexualidade. Acredita-se que a utilização de contraceptivos hormonais pode desencadear efeitos adversos e complicações maléficos a saúde de suas usuárias. Dessa forma o principal objetivo da presente pesquisa é verificar as evidências científicas relacionadas aos efeitos do uso dos contraceptivos hormonais, através de uma revisão integrativa de literatura, permitindo-se realizar uma síntese de conhecimento sobre o desenvolvimento desses efeitos. Os efeitos mais mencionados nessa pesquisa, foram: ganho de peso, cefaleias, enxaquecas, sangramento menstrual excessivo e a alteração nos níveis de proteína C reativa. Por fim, entende-se que o uso de contraceptivos hormonais é constantemente associado ao surgimento de efeitos adversos, onde é possível afirmar que essa associação pode desencadear o desenvolvimento de doenças cardiovasculares, bem como o surgimento de doenças metabólicas.

Palavras-chave: Anticoncepcionais; Contraceptivos; Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionados a Medicamentos.

ABSTRACT

Contraceptive methods are ways to avoid pregnancy and, increasingly, are gaining importance due to several factors, such as changes in the patterns of sexual initiation and experience of sexuality. It is believed that the use of hormonal contraceptives can trigger adverse effects and harmful complications to the health of its users. Thus, the main objective of the present research is to verify the scientific evidence related to the effects of the use of hormonal contraceptives, through an integrative literature review, allowing a synthesis of knowledge about the development of these effects. The most mentioned effects in this research were: weight gain, headaches, migraines, excessive menstrual bleeding and the change in C-reactive protein levels. Finally, it is understood that the use of hormonal contraceptives is constantly associated with the emergence of adverse effects, where it is possible to affirm that this association can trigger the development of cardiovascular diseases, as well as the emergence of metabolic diseases.

Keywords: Contraceptives; Contraceptives; Drug-Related Side Effects and Adverse Reactions.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	8
2 REVISÃO DE LITERATURA	11
3 OBJETIVOS.....	14
4 METODOLOGIA.....	15
5 RESULTADOS	17
6 DISCUSSÃO.....	21
7 CONCLUSÃO	24
REFERÊNCIAS	25
APÊNDICE A – Matriz de Síntese.....	29

1 INTRODUÇÃO

Ao longo dos anos, a compreensão sobre a sexualidade e o processo reprodutivo vêm sofrendo modificações. Dentre essas modificações, podemos destacar a criação de políticas públicas de planejamento reprodutivo (também conhecidas como políticas de planejamento familiar) que visam ampliar o acesso a informação e às possibilidades de escolha quanto a querer ou não ter filhos e o melhor momento para essas decisões. O acesso a métodos contraceptivos é uma etapa desse processo e, cada vez mais, ganha importância devido a diversos fatores, tais como as modificações nos modelos de família e mudanças no padrão de iniciação sexual e vivência da sexualidade ao longo dos anos.

Até o início da década de 1980, não existiam programas de saúde voltados especificamente para a atenção à saúde da mulher no Brasil, as práticas assistenciais de saúde à mulher eram direcionadas para a garantia da gestação e do parto saudáveis. Essas práticas assistenciais restringiam-se a uma concepção de saúde materno-infantil, como se a saúde da mulher fosse necessariamente vinculada à maternidade e à saúde das crianças.

No ano de 1984 foi lançado o Programa de Assistência Integral à Saúde da Mulher (PAISM). Esse programa foi um marco nas políticas de atenção à saúde da mulher por incorporar também a possibilidade de controle de natalidade e não apenas ações voltadas para o parto e nascimento com foco na saúde das crianças apenas. Desse modo a questão reprodutiva passou a ser vista de forma mais ampla e, em 1996, a lei Nº 9.263, regulamentou o Planejamento Familiar como compromisso do Estado já sinalizado na Constituição Federal (§ 7º do art. 226 – BRASIL, 1988), visando garantir às mulheres o acesso à assistência à concepção e à contracepção como respeito aos direitos sexuais e reprodutivos (FERREIRA et al., 2019; BRASIL, 1996).

Em 2004, a Política Nacional de Atenção Integral a Saúde da Mulher substituiu o PAISM e ampliou a compreensão sobre a saúde da mulher numa perspectiva integral e as práticas assistenciais passaram a ser implantadas de acordo com os princípios do Sistema Único de Saúde (SUS), sobre a perspectiva da promoção da saúde. Além de reforçar as ações que foram propostas pelo PAISM, a política incorporou a prevenção e o tratamento das mulheres com HIV/Aids, doenças crônicas

não transmissíveis e cânceres ginecológicos, bem como a inclusão dos grupos até então abandonados, os quais seriam: as mulheres negras, indígenas, lésbicas, privadas de liberdade e em situação de rua ou pobreza, a fim de diminuir as desigualdades. (BRASIL, 2004)

Os métodos contraceptivos são formas de evitar a gravidez na adolescência e na vida adulta. Atualmente, o Ministério da Saúde financia, compra e distribui gratuitamente os contraceptivos e insumos no âmbito do Programa Saúde da Mulher, através da Relação Nacional de Medicamentos Essenciais (RENAME), sendo esses medicamentos ofertados nos serviços públicos de saúde e também no Programa Farmácia Popular do Brasil (FARIAS et al., 2016).

São disponibilizados sete tipos de métodos contraceptivos considerados reversíveis, os quais se subdividem entre métodos de barreira e hormonais. Os métodos barreira são os preservativos feminino e masculino (as camisinhas, que além da função contraceptiva, podem prevenir também Infecções Sexualmente Transmissíveis - IST), o diafragma e o dispositivo intrauterino, também conhecido como DIU de Cobre. Assim como, os métodos hormonais são aqueles que contém hormônios em sua fórmula, sendo mais conhecidos popularmente os comprimidos orais que são as minipílulas, pílula oral combinada ou não e pílula de emergência, bem como os anéis vaginais, os adesivos transdérmicos, o dispositivo intrauterino hormonal e os injetáveis mensal ou trimestral (BRASIL, 2020).

Além desses métodos, há ainda os métodos considerados irreversíveis que são a laqueadura de trompas e a vasectomia, ambos são realizados através de intervenções cirúrgicas, também são ofertados pelo SUS, porém, o acesso é mais restrito, devendo seguir os critérios determinados na lei nº 9.263 (ALMEIDA e ASSIS, 2017). Embora haja uma ampla variedade de métodos, é comum que na maioria dos serviços públicos de saúde ofertem mais camisinhas, contraceptivos orais e injetáveis.

Em seu estudo sobre os dados recentes da Pesquisa Nacional sobre Acesso, Utilização e Promoção do Uso Racional de Medicamentos, Farias et al, (2016) apontou que a prevalência de uso de contraceptivo oral (CO) e contraceptivo injetável (CI) em mulheres de 15 a 49 anos, não gestantes, residentes em área urbana brasileira foi de 32,7%.

Com o aumento do consumo dos anticoncepcionais hormonais, além da obtenção os benefícios, é crescente os casos de mulheres que desenvolvem trombose, doenças cardiovasculares e hipertensão, de forma associada ao uso, sem

consulta médica e orientações adequadas, e mesmo quando há orientação médica, não há uma descrição dos riscos que podem estar associados à utilização do método (SILVA; AS; TOLEDO, 2019).

Estima-se que 80% das mulheres em idade fértil fazem o uso de algum método reversível no Brasil. Segundo o Relatório da Organização das Nações Unidas – ONU (2015), o método mais aceito pelas mulheres brasileiras são as pílulas anticoncepcionais orais. De modo geral, as pílulas orais apresentam em sua composição estrógeno e progesterona de forma combinada, como esses hormônios possuem vários derivados e compostos semelhantes, existe uma grande variedade disponível no mercado da indústria farmacêutica e no SUS (FERREIRA; D'AVILA; SAFATLE, 2019).

Dessa forma, acredita-se que a utilização de contraceptivos hormonais pode desencadear efeitos adversos maléficos a saúde de suas usuárias. Sendo assim, o presente estudo se justifica através do Art. 226. § 7º da Constituição da República Federativa do Brasil, a qual estabelece o planejamento familiar como direito reprodutivo. É importante ressaltar que o planejamento familiar é uma das ações da Política de Assistência Integral à Saúde da Mulher, que deve ser realizado por meio de ações preventivas e educativas, conforme a lei, garantindo acesso igualitário a informações, meios, métodos e técnicas disponíveis para a regulação da fecundidade, bem como a liberdade de opção.

Embora sejam métodos eficazes para a prevenção de uma gravidez, estudos epidemiológicos indicam que há uma correlação entre o uso de hormônios e o surgimento de efeitos e reações adversas ao uso. Essa pesquisa foi originada após a uma discussão sobre métodos contraceptivos dentro de um grupo acadêmico formado por mulheres, onde surgiu-se o interesse de conhecer quais são os principais efeitos que se revelam após o uso de contraceptivos hormonais.

Considerando que a utilização de métodos contraceptivos hormonais pode ser um fator para o desencadeamento de agravos à saúde da mulher, verificou-se a necessidade de avaliação das evidências científicas a respeito. Assim, esse estudo tem como pergunta condutora, a seguinte: Quais efeitos e relações têm sido apresentadas pela literatura científica sobre o uso de contraceptivos hormonais?

2 REVISÃO DE LITERATURA

O planejamento familiar é um determinante social que influencia na qualidade de vida, e está atrelado à busca pela prevenção ou pelo desenvolvimento da gravidez, onde as decisões devem ser tomadas de forma conjunta a fim de escolher as melhores opções para a construção familiar.

A lei nº 9.263, que garante o acesso integral às ações de atenção à saúde de mulheres e homens em relação a concepção e contracepção nos serviços públicos de saúde, além de assegurar que o planejamento familiar é um direito de todo cidadão, estabelece ainda, os critérios e penalidades acerca das intervenções cirúrgicas de esterilização, por se tratar de um método de contracepção invasivo e irreversível, regulamenta essas práticas na rede privada, sob o controle do SUS (BRASIL, 2002).

Os métodos contraceptivos hormonais são assim denominados devido à presença de hormônios em sua composição, o estrogênio e a progesterona, que podem aparecer de forma isolada ou associada, em várias formulações. Esses hormônios agem impedindo o amadurecimento do óvulo, ou seja, interrompendo a ovulação (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

Ao inibir a ovulação, os contraceptivos modificam a estrutura do endométrio e do muco cervical, ou seja, ao inibir a secreção de FSH (hormônio folículo estimulante) e LH (hormônio luteinizante), o muco cervical se torna espesso, dificultando a passagem do espermatozoide e tornando o endométrio não receptivo para a implantação. Os contraceptivos hormonais podem ser administrados por via oral, injetável ou intradérmica (FERRARI, 2015).

Os anticoncepcionais combinados orais (AOC) representam o método anticoncepcional mais utilizado no mundo todo. Segundo a Febrasgo (2015), estima-se que 100 milhões de mulheres sejam usuárias deste método, devido à sua alta eficácia: a falha é de menos de uma a cada 100 mulheres/ano com o uso perfeito.

Autores como Ferreira, Dávila e Saflate destacam efeitos positivos no uso de contraceptivos hormonais. Dentre eles, destacam:

Redução no risco de cistos ovarianos, câncer ovariano e endometrial e doença mamária benigna; menor incidência de doença inflamatória pélvica (DIP) e gravidez ectópica (tubária); melhora dos sintomas pré-menstruais, da dismenorreia e da endometriose e também diminuição do fluxo no ciclo menstrual (FERREIRA; D'AVILA; SAFATLE, 2019, p. 428).

Segundo Oliveira (2021), o anticoncepcional hormonal oral também pode ser utilizado em tratamentos para problemas de endometriose e síndrome do ovário policístico, podendo ser um diferencial para mulheres que sofrem dessas questões.

Nicolau et al (2012), explica que a contracepção hormonal tem adquirido papel importante na saúde reprodutiva, por causa de sua baixa possibilidade de erro quando utilizado de forma correta, mas quando administrado de forma inadequada implica em agravos à saúde da mulher, propiciando até mesmo, o aumento da mortalidade materna.

Por outro lado, autores como Brito, Nobre, Vieira (2011) sinalizam para complicações que podem estar relacionadas ao uso desses medicamentos. Mulheres que apresentam predisposições genéticas para doenças cardiovasculares e que utilizam contraceptivos hormonais têm apresentado um alto risco para trombose arterial. Este risco está diretamente relacionado ao estrogênio presente na composição destes medicamentos.

A pesquisa de Silva; Sá; Toledo (2019) apontou que 16% das mulheres investigadas que faziam uso de anticoncepcional relataram casos de trombose na família, sendo mais prevalente na faixa etária entre 18 e 25 anos.

Segundo Brandt, Oliveira, Burci (2018) a contracepção injetável se torna mais prática para as usuárias, pois diminui o risco de esquecimento, quando comparado aos comprimidos orais de uso diário, porém é possível o surgimento de efeitos adversos relacionados ao uso, como: aumento de peso, cefaleias, dor abdominal, mudanças de humor e diminuição do desejo sexual.

A utilização de contraceptivos injetáveis pode ocorrer de duas formas: injetáveis combinados (mensal) e os injetáveis só de progestógeno (trimestral). Diante disso, as taxas de gravidez dos contraceptivos injetáveis trimestrais oscilam entre 0,0 e 0,7/100 mulheres por ano, apresentando grande eficácia do método. Panisset; Giordano, Giordano (2015), explicam ainda, que o hipoestrogenismo, associado ao uso de acetato de medroxiprogesterona de depósito (AMPD), nos contraceptivos injetáveis trimestrais, podem reduzir os níveis de HDL-colesterol, aumentando o risco de doença vascular em mulheres com fatores de risco e reforça que em casos de episódios agudos de tromboembolismo venoso e embolia pulmonar, o método deve ser evitado.

O uso de contraceptivos hormonais pode trazer diversos prejuízos, tanto para a saúde física quanto para a saúde mental das mulheres (RODRIGUES, 2019). Os

efeitos colaterais causados pelos anticoncepcionais hormonais orais têm provocado aumento na taxa de descontinuação do uso do método no Brasil, aproximadamente 57% das usuárias afirmaram ter trocado de método por conta dos efeitos indesejados.

O consumo desses contraceptivos hormonais combinados desencadeia uma gama de efeitos colaterais, que, associados a outros aspectos da vida feminina, podem interferir na saúde mental e na qualidade de vida. Souza (2017) destaca que:

Dentre os efeitos indesejados e complicações dos contraceptivos hormonais orais (CHO) destacam-se as alterações de humor, náuseas, vômitos, mal-estar gástrico, cefaleia, tontura, mastalgia, sangramento uterino, irregular, cloasma, acidente vascular cerebral, infarto do miocárdio e trombose venosa profunda (SOUZA,2017, p. 15).

A utilização de um contraceptivo hormonal pode ser iniciada através de uma consulta clínica com um profissional da saúde, entretanto, não é obrigatória a apresentação da prescrição médica no ato da compra, o que de fato, possibilita a automedicação, como afirma Corrêa et. al. (2017).

Segundo a análise de Leite (2003), é provável que aproximadamente 40% das usuárias que iniciam o uso de anticoncepcionais orais, abandonem o método nos 12 primeiros meses devido aos efeitos colaterais que apresentam, o mesmo conclui que o fato de as mulheres utilizarem a pílula sem prescrição médica deve contribuir para alta incidência de efeitos colaterais, pois o mesmo comportamento foi verificado em relação ao uso das injeções hormonais.

Para que haja compressão da importância sobre o conhecimento dos métodos contraceptivos hormonais orais, injetáveis e seus impactos, é necessário que os serviços de saúde e planejamento familiar, enfatizem de forma educativa a informação, a orientação e o acesso à anticoncepção, levando em consideração o princípio dos direitos reprodutivos (ALMEIDA; ASSIS, 2017).

Oliveira (2021) conclui que o anticoncepcional hormonal beneficiou parcialmente a mulher dando-lhe liberdade e independência em relação à reprodução, mas, tornando-a submissa em associação ao seu uso, tendo em vista que há uma limitação de métodos de contracepção masculinos. Isso repercute em uma maior responsabilização das mulheres em relação ao uso e a administração dos métodos existentes. Porém, com o avanço da ciência, será possível detalhar de forma individual o perfil de cada mulher, analisando qual o método contraceptivo será mais adequado, em frente a todos os outros métodos existentes.

3 OBJETIVOS

Objetivo Geral: Verificar as evidências científicas relacionadas aos efeitos do uso dos contraceptivos hormonais.

Objetivos Específicos:

- Descrever o perfil de usuárias de contraceptivos hormonais;
- Identificar os efeitos colaterais adversos que os estudos científicos trazem;
- Analisar os tópicos mais comuns entre as publicações científicas.

4 METODOLOGIA

A pesquisa foi desenvolvida e realizada através de uma revisão integrativa de literatura. O método consiste na síntese dos conhecimentos atuais sobre um determinado tema ao reúne estudos independentes com o propósito de identificar, analisar e sintetizar os seus resultados, fundamentando-se na prática baseada por evidências (PBE) a fim de definir conceitos, revisar teorias e evidências e analisar metodologicamente um tópico em particular (Souza et al., 2010).

A etapas metodológicas seguiram a seguinte sequência:

1- Elaboração da pergunta problema:

Quais efeitos colaterais e reações adversas têm sido apresentados pela literatura científica sobre o uso de contraceptivos hormonais?

2- Busca ou amostragem de dados:

Foram acessadas as bases de dados Biblioteca Virtual em Saúde (BVS) e SCIELO e selecionados os artigos para compor a amostra do estudo. A seleção se deu a partir de dois descritores delimitados pela pergunta problema e identificados na base de indexação de artigos científicos Descritores em Ciências da Saúde – DeCS: “Anticoncepcionais” e Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionados a Medicamentos”. A chave de busca considerou ainda os descritores em inglês, francês e espanhol quando disponíveis e os sinônimos em português, conforme quadro 1, abaixo:

QUADRO 1: ESTRATÉGIA DE BUSCA COM DESCRIPTORES COMBINADOS

Estratégia BVS e Scielo – 130 publicações encontradas

#1 Mh:"Anticoncepcionais" OR (Contraceptive Agents) OR (Anticonceptivos) OR (Contraceptifs) OR (Agente Anticoncepcional) OR (Agentes Anticoncepcionais) OR (Agentes Contraceptivos) OR (Anticoncepcional) OR (Anticonceptivo) OR (Contraceptivo) OR (Contraceptivos) OR (Contraconceptivo) OR (Contraconceptivos) OR (Efeito Anticoncepcional) OR (Efeito Contraceptivo) OR (Efeito Contraconceptivo) OR (Efeitos Anticoncepcionais) OR (Efeitos Contraceptivos) OR (Efeitos Contraconceptivos) OR (Fármaco Anticoncepcional) OR (Fármacos Anticoncepcionais) OR MH:D27.505.696.875.360\$ OR MH:D27.505.954.705.360\$ AND #2 Mh:"Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionados a Medicamentos" OR (Drug-Related Side Effects and Adverse Reactions) OR (Efectos Colaterales y Reacciones Adversas Relacionados con Medicamentos) OR (Effets secondaires indésirables des médicaments) OR (Efeitos Adversos) OR (Efeitos Colaterais e Reações Adversas Associados a Medicamentos) OR (Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionados a Drogas) OR (Evento Adverso) OR (Eventos Adversos) OR (Experiência Adversa) OR (Experiências Adversas) OR (Reações Adversas e Efeitos Colaterais Relacionados a Drogas) OR (Reações Adversas e Efeitos Colaterais Relacionados a Medicamentos) OR (Toxicidade de Drogas) OR (Toxicidade de Fármacos) OR (Toxicidade de Medicamentos) OR MH:C25.100\$ OR MH:VS2.002.004.004.001\$
--

FONTE: Elaborado pela autora (2022).

3 – Coleta de dados do estudo:

Foram incluídos artigos com textos completos em português; publicados em periódicos com avaliação por pares no período de dez anos (período entre os anos de 2011 e 2020);

4 – Análise crítica:

A triagem dos artigos se deu inicialmente pela leitura dos títulos, seguida pela leitura dos resumos e por fim, pela leitura dos textos completos. Sendo excluídos aqueles artigos que estavam duplicados e aqueles não atendiam aos objetivos propostos no estudo a partir da avaliação em cada uma das etapas de triagem.

Os artigos selecionados compuseram uma base de dados do estudo, onde foi-se elaborada uma matriz de síntese para análise de dados contendo os dados extraídos (título, autor(es), ano de publicação, área de conhecimento, tipos de estudo, sujeitos da pesquisa, número de participantes, objetivos, resultados e conclusões) dos artigos que ajudaram a responder a questão de pesquisa do presente estudo. A matriz completa com a extração dos dados encontra-se no apêndice A.

5 – Discussão dos resultados:

A interpretação dos resultados ocorreu através de comparações entre as evidências de cada um dos autores, explicitando as conclusões da pesquisadora sobre a questão da pesquisa.

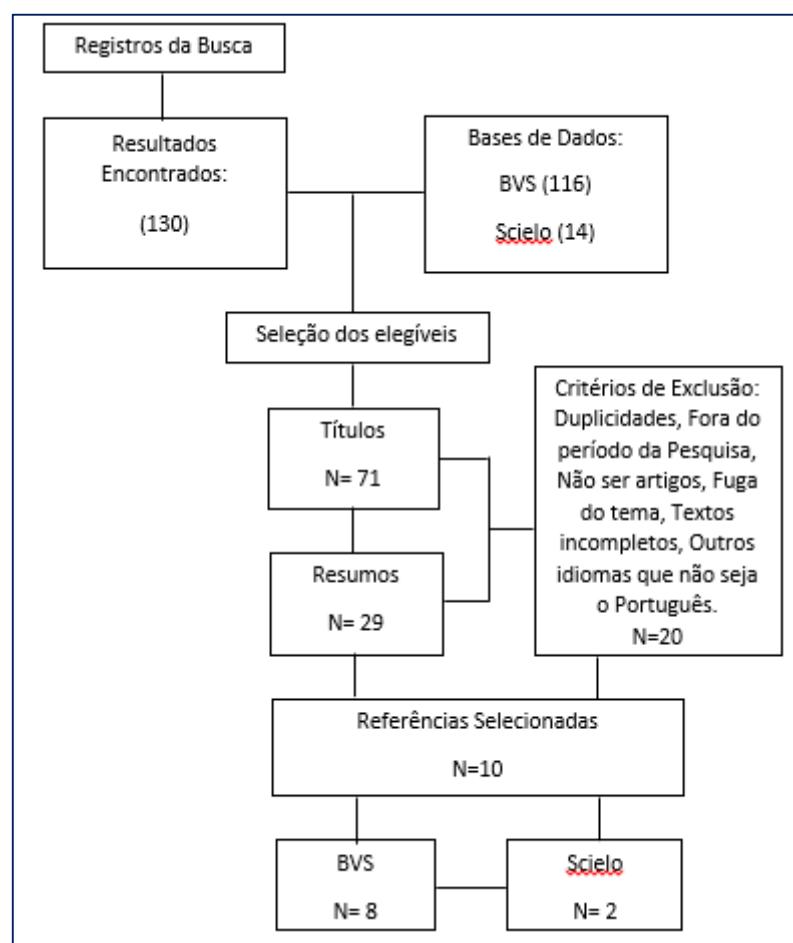
6 – Apresentação da revisão integrativa:

De forma clara e completa a síntese do conhecimento extraído na pesquisa será apresentada, pontuando as principais informações sobre os efeitos advindos do uso de contraceptivos hormonais detalhadamente.

5 RESULTADOS

Após a busca inicial realizada através da estratégia entre os descritores “Anticoncepcionais” e “Efeitos Colaterais e Reações Adversas Relacionados a Medicamentos”, foram identificados 130 artigos nas bases de dados BVS e Scielo. A triagem foi executada com a aplicação dos critérios de exclusão em três etapas: leitura dos títulos de todos os artigos, sendo excluídos 90 deles; seguido de leitura exploratória dos resumos; e, finalmente, leitura completa dos artigos, sendo 10 deles selecionados e incluídos na amostra do estudo. A figura 1 apresenta o fluxograma das etapas de busca e seleção realizadas.

FIGURA 1: FLUXOGRAMA DAS ETABAS DE BUSCA E SELEÇÃO



FONTE: Elaborado pela autora (2022).

Quanto as características gerais dos artigos, a maioria deles foi publicado em periódicos das áreas de conhecimento das ciências médicas e enfermagem, exceto o artigo de Silva e Dias (2013) que foi publicado em revista do campo da Audiologia que abrange a área específica da Fonoaudiologia e outras correlatas.

Em relação ao tipo de estudo houve uma predominância de estudos transversais com caráter descritivo, analítico e com abordagem quantitativa (Farias et al., 2017; Farias et al., 2018; Carrias et al., 2019; Bahamondes et al., 2011; Petto et al., 2013; Mariano et al., 2015). Já os estudos de Santos et al (2015) e Petto et al (2015) caracterizaram-se como estudos longitudinais. Dois estudos envolveram métodos qualitativos: o estudo de Xavier; Lopes e Ferreira (2014) e o estudo de Silva e Dias (2013). Este último com abordagem qualitativa e quantitativa.

Com relação ao tipo de utilização de contraceptivos hormonais encontradas nos estudos, seis deles (Carrias et al., 2019; Petto et al., 2013; Bahamondes et al., 2011; Petto et al., 2015; Mariano et al., 2015; Silva; Dias, 2013) foram referentes aos grupos de contraceptivos hormonais orais e combinados; três (Farias et al., 2017; Farias et al., 2018; Santos et al., 2015) a contraceção de forma injetável combinada e exclusiva de progestógeno, e um (Xavier; Lopes e Ferreira, 2014) às duas formas de contraceção.

A respeito do perfil das participantes dos estudos selecionados, todas são mulheres, com idade abaixo de 55 anos e faixa etária predominante entre os 18 e 30 anos, sendo essas, usuárias de algum método contraceptivo hormonal. Ressalta-se que em um deles (Xavier; Lopes e Ferreira, 2014), todas as usuárias são mulheres de cor preta ou parda, e possuem diagnóstico confirmado de anemia falciforme. Os estudos comparativos (Petto et al., 2013; Mariano et al, 2015; e Silva e Dias, 2013) tiveram participação de mulheres não usuárias de métodos contraceptivos.

Quatro estudos (Farias et al., 2017; Farias et al., 2018; Carrias et al., 2019; Bahamondes et al., 2011) apresentam a correlação entre o uso de anticoncepcionais e o surgimento de efeitos adversos de maneira geral, e os outros seis apresentam essa relação investigando questões específicas: gasto energético e medidas antropométricas (Santos et al., 2015), inflamação subclínica (Petto et al., 2013; Petto et al., 2015), intervenção coronariana (Mariano et al., 2015), anemia falciforme (Xavier; Lopes; Ferreira, 2014) e amplitude das emissões otoacústicas (Silva; Dias, 2013).

O quadro 2 apresenta a distribuição dos principais efeitos adversos encontrados ou investigados nos artigos. A numeração indica a ordem dos artigos na matriz de síntese do apêndice A.

QUADRO 2 - PRINCIPAIS EFEITOS ADVERSOS ENCONTRADOS OU INVESTIGADOS NOS ARTIGOS

Efeitos Adversos Encontrados	Artigos
Alteração da PCR	5,7,8
Alterações de humor	3
Aumento da PA	2
Aumento de peso	1,3,6,4*
Cefaleia	1,3,6
Enxaqueca	2
Dor Abdominal	3
Dor nas Mamas	3
Enjoo/Nauséa	1,9
Fibrinogênio Elevado	8
Hipermenorréia	1,6,9
Hipomenorréia	1
Vômitos	9
Lesão Auditiva	10*

* Efeitos investigado pelo estudo, mas sem resultado significativo.

FONTE: Elaborado pela autora (2022).

O aumento de peso foi identificado na relação com o uso de anticoncepcionais injetáveis (Farias et al., 2017) e orais (Carrias et al., 2019 e Bahamondes et al., 2011). No artigo de Santos et al., 2015, apesar de ser um dos efeitos investigados, não foram encontradas significâncias estatísticas que comprovassem o aumento de peso através do uso de contraceptivos injetáveis.

As pesquisas realizadas nos artigos de Farias et al., 2017 e Xavier; Lopes; Ferreira, 2014, relataram sintomas como enjoo ou náuseas e Xavier; Lopes; Ferreira, 2014, acrescentaram a ocorrência de vômitos em decorrência do uso de contraceptivos hormonais.

A cefaleia foi encontrada nos artigos Farias et al., 2017; Carrias et al., 2019 e Bahamondes et al., 2011, como um dos efeitos adversos de maior percentual em relação ao desconforto das usuárias, onde no artigo de Farias et al., 2017 representou 30,7%, no artigo de Carrias et al., 2019, o valor foi de 4,1% e no artigo de Bahamondes et al., 2011 atingiu 37,6%.

No artigo de Farias et al., 2018, foram declaradas enxaquecas, sem aura, com aura, e com sinais focais neurológicos, e uma usuária apresentou pressão arterial diastólica de 100mmHg, acima do normal.

Sintomas como alteração de humor (24,3%), dores nas mamas (13,5%) e dor abdominal (2,7%) foram registrados no artigo de Carrias et al., 2019.

Os artigo de Petto et al., 2013; Petto et al., 2015 e Mariano et al., 2015, apresentaram alterações na proteína C reativa (PCR) através da utilização de contraceptivos orais, o artigo de Petto et al., 2013 e Mariano et al., 2015, destacam a elevação da proteína no grupo de usuárias, e o Petto et al., 2015, destaca a diminuição da proteína no grupo de usuárias regularmente ativas.

O artigo de Petto et al., 2015 também apresenta diminuição nos níveis de triglicerídeos, lipoproteína de baixa densidade em jejum e lipemia pós prandial no grupo de usuárias regularmente ativas comparado ao grupo de usuárias irregularmente ativa.

O artigo de Mariano et al., 2015, também encontrou elevação no nível de fibrinogênio na usuárias mais jovens e verificou a presença de fatores de risco preexistentes em grande parte das participantes

Os critérios médicos de elegibilidade da OMS referentes a literatura no artigo de Farias et al., 2018, são citados nos artigos de Santos et al., 2015; Petto et al., 2013; Mariano et al., 2015 e Xavier; Lopes; Ferreira, 2014, quanto aos fatores de risco e escolha do método para a prevenção doenças associadas ao uso de contraceptivos.

É importante destacar que os artigos de Farias et al., 2017; Farias et al., 2018 Carrias et al., 2019; Bahamondes et al., 2011 e Xavier; Lopes; Ferreira, 2014, citam o abandono em decorrência dos efeitos adversos, em sua maioria através da variável tempo de uso.

O artigo de Silva; Dias, 2013 não identificou diferenças significantes entre as emissões otoacústicas e o uso de contraceptivos hormonais.

6 DISCUSSÃO

O propósito da presente pesquisa consistiu na busca e na análise de evidências científicas sobre os efeitos adversos e complicações decorrentes do uso de contraceptivos hormonais.

O planejamento familiar (PF) é um direito reprodutivo que permite a homens e mulheres a escolha de querer ou não filhos de forma segura e orientada. Entretanto, Brandt, Oliveira, Burci (2018) ressaltam que a prevalência de métodos contraceptivos femininos terminam por refletir uma maior responsabilização das mulheres diante do processo de escolha do método, da busca por informações e utilização.

É preciso compreender que cada mulher possui especificidades, expectativas e necessidades distintas em relação ao uso de contraceptivos. Melo et al. (2020), alega que a disponibilidade de variados métodos contraceptivos é fundamental, tendo em vista que, dessa forma pode-se observar as necessidades individuais, e garantir a igualdade de acesso, evitando imposições ao uso de um determinado método.

Para auxiliar os profissionais de saúde, no processo de escolha de um método contraceptivo seguro e eficaz que respeite as condições clínicas individuais, a OMS desenvolveu os critérios médicos de elegibilidade (CME) e os separou em quatro categorias: 1- O método pode ser utilizado; 2- O método pode ser utilizado com restrições; 3- O método deve ser utilizado em caso de última escolha, e 4- O método não deve ser utilizado (FARIAS et al., 2018).

Foi identificado que mulheres com anemia falciforme possuem maior dificuldade de adaptação aos métodos contraceptivos hormonais, devido às condições clínicas da doença. Dessa forma, os profissionais de saúde devem observar as necessidades coletivas e individuais dessas mulheres com a doença falciforme, para orientá-las sobre a escolha de métodos mais adaptáveis, proporcionando a elas autonomia e poder de decisão durante o processo. (PEDROSA et al., 2021).

Pedrosa et al. (2021) acrescenta que o uso do contraceptivo injetável de medroxiprogesterona por mulheres com doença falciforme, é classificado na categoria 1 dos CME, e reforça que o método é preferível entre as mulheres com a condição clínica, por ser prático e diminuir os riscos de trombose venosa e crises de dor.

O aumento do peso em algumas usuárias de contraceptivo injetável de medroxiprogesterona é um motivo de descontinuação do uso do método em aproximadamente 5% das mulheres, porém, essa alteração pode aparecer em

associação a outros fatores como idade, mudanças relacionadas a alimentação ou a resposta metabólica individual. (PANISSET; GIORDANO; GIORDANO, 2015).

Sendo assim, o estilo de vida é um fator determinante no processo de promoção da saúde. A junção entre atividade física e alimentação balanceada atua diretamente na prevenção de doenças não transmissíveis, influenciando positivamente na qualidade de vida. Embora essa associação seja tão importante é necessário avaliar os fatores de risco que podem interferir nesse processo e que estão vinculados a saúde da mulher (MONTEIRO et al. 2021).

Com relação aos principais fatores de risco para doenças cardiovasculares, através do uso de contraceptivos hormonais orais e injetáveis, Lima et al. (2017) e Ribeiro et al. (2018), apresentam que hipertensão arterial, tabagismo, hipercolesterolemia, diabetes mellitus, enxaqueca, uso de álcool e sedentarismo são os que mais despertam a preocupação quanto ao surgimento de acidente vascular cerebral, tromboembolismo venoso e infarto agudo do miocárdio.

Foi verificado que usuárias de contraceptivos orais, regularmente ativas, apresentaram valores de proteína c reativa, lipoproteína de baixa densidade de jejum, lipemia pós-prandial e triglicerídeos significativamente menores que as usuárias irregularmente ativas.

Ferreira; D'avila e Safatle, (2019), define que “A PCR é uma proteína que tem seu nível aumentado quando os vasos sanguíneos ficam inflamados, sendo possível medir o risco cardiovascular por meio dela”. É possível afirmar que uma a cada três mulheres que utilizam contraceptivos combinados orais apresentem nível de proteína c reativa maior que 3mg/L, proporção essa que pode aumentar o risco de desenvolver eventos cardiovasculares (SANTOS et al. 2018).

Dessa forma, usuárias de contraceptivos combinados orais (COC), possuem maior risco de desenvolver inflamações, doenças cardiovasculares e metabólicas, quando comparadas a não usuárias. Santos et al. (2016) reforça que quanto maior for o tempo de exposição ao uso de COC maior é a alteração no nível da proteína c reativa.

Segundo Lima et al. (2017), o uso de anticoncepcionais combinados orais (AOC) é fator que mais se relaciona ao risco da ocorrência do acidente vascular cerebral (AVC), onde mulheres que nunca utilizaram o AOC tem menos chances de desenvolver o AVC, em relação às mulheres que já fizeram o uso.

Em contrapartida, há uma restrição no que se refere a pesquisas que abordam a relação entre o uso de contraceptivos hormonais orais e o desencadeamento de alterações auditivas. Contudo, Kami, Vidigal e Macedo (2017) explicam que, as variações hormonais regulares que ocorrem através do ciclo menstrual, sofrem modificações por meio dos hormônios estrogênio e progesterona, sendo capazes de influenciar os neurotransmissores em diferentes regiões cerebrais, provocando alteração da percepção sensorial.

Dessa forma, Ferreira e Haas (2020), afirmam que o uso dos contraceptivos hormonais orais pode provocar alterações fisiológicas como perda auditiva neurosensorial e lesão labiríntica, sendo capaz de ocasionar zumbidos.

Embora haja uma grande variedade de composições hormonais contraceptivas, na maior parte dos achados foram citados o abandono do método, tendo como principal razão o surgimento de efeitos adversos, ou a falta de orientação profissional sobre as principais vantagens e desvantagens obtidas com o uso.

Existe uma predominância sobre o uso de contraceptivos hormonais orais e posteriormente um maior número de estudos científicos relacionados a eles, quando comparados a outros métodos como os contraceptivos hormonais injetáveis. Sugere-se que pesquisas futuras sejam elaboradas explorando as reações e os efeitos adversos associados a outros métodos contraceptivos para uma melhor abordagem do assunto.

7 CONCLUSÃO

O uso de contraceptivos hormonais, é constantemente associado ao surgimento de diversos efeitos adversos, sendo que os mais mencionados nessa pesquisa foram o ganho de peso, cefaleias, enxaquecas, sangramento menstrual excessivo e a alteração nos níveis de proteína C reativa. A presença de proteína C reativa elevada foi evidenciada especificamente em anticoncepcionais combinados orais, revelando o potencial desenvolvimento de doenças cardiovasculares, como o surgimento de acidente vascular cerebral, tromboembolismo venoso e infarto agudo do miocárdio, bem como surgimento de doenças metabólicas.

A presença de fatores de risco, também podem influenciar o surgimento de efeitos adversos, dessa forma, usuárias com hipertensão, tabagismo, obesidade, sedentarismo, e com enxaquecas devem ser acompanhadas regularmente e orientadas quanto a utilização de contraceptivos hormonais e suas desvantagens.

É necessário ressaltar a importância de uma equipe de profissionais capacitados para escolha do método de acordo com os critérios médicos de elegibilidade, para que a escolha seja feita de forma segura, orientada e consciente dos riscos que o uso de hormônios sintéticos pode oferecer, considerando a autonomia da usuária em relação a escolha do método que lhe trará mais benefícios.

Por fim, a presente pesquisa possibilitou uma boa aprendizagem em torno dos métodos contraceptivos hormonais, pois foi possível alcançar os objetivos propostos. Porém, foram encontradas algumas limitações em relação aos tipos de contraceptivos hormonais, restringindo os resultados do estudo a anticoncepcionais orais e injetáveis, outros fatores limitantes foram, a pouca quantidade estudos encontrados sobre os efeitos dos contraceptivos injetáveis, a escassez de estudos em públicos menores de 18 anos de idade, e posteriormente a exclusão de artigos de revisão foi um fator limitante, na busca de evidências mais robustas.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Ana Paulo Ferreira de; ASSIS, Marianna Mendes de. **Efeitos colaterais e alterações fisiológicas relacionadas ao uso contínuo de anticoncepcionais hormonais orais.** *Rev. Eletron. Atualiza Saúde*, v. 5, n. 5, p. 85-93, 2017.
- BAHAMONDES, Luis et al. **Fatores associados à descontinuação do uso de anticoncepcionais orais combinados.** *Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia*, [S.L.], v. 33, n. 6, p. 303-309, jun. 2011.
- BRANDT, Gabriela Pinheiro; OLIVEIRA, Ana Paula Rodrigues de; BURCI, Lígia Moura. **Anticoncepcionais hormonais na atualidade: um novo paradigma para o planejamento familiar.** *Revista Gestão & Saúde*, v. 18, n. 1, p. 54-62, 2018.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Assistência integral à saúde da mulher: bases de ação programática. Centro de documentação do Ministério da Saúde, 1984.
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.263 de 12 de janeiro de 1996. Brasília, 15 jan 1996. Seção 1, p.1-3.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Assistência em planejamento familiar: manual técnico. 2002.
- BRASIL. DEPARTAMENTO DE AÇÕES PROGRAMÁTICAS ESTRATÉGICAS. **Política nacional de atenção integral à saúde da mulher: princípios e diretrizes.** Editora MS, 2004.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Relação Nacional de Medicamentos Essenciais: RENAME 2020.
- BRITO, Milena Bastos; NOBRE, Fernando; VIEIRA, Carolina Sales. Contracepção hormonal e sistema cardiovascular. **Arquivos brasileiros de Cardiologia**, v. 96, n. 4, p. e81-e89, 2011.
- CARRIAS, Daniela Teresa da Silva et al. Efeitos adversos associados a uso de contraceptivos orais em discentes. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, [s. l.], v. 17, n.3, p. 142-146, set. 2019.
- CORRÊA, Daniele Aparecida Silva et al. **Fatores associados ao uso contraindicado de contraceptivos orais no Brasil.** *Revista de Saúde Pública*, v. 51, p. 1-10, 12 Jan. 2017.
- FARIAS, Mareni Rocha et al. **Utilização e acesso a contraceptivos orais e injetáveis no Brasil.** *Revista de Saúde Pública*, v. 50, n. 2, p. 14s, fev. 2016. Disponível em:<https://www.scielo.br/j/rsp/a/5cpbxfgGbPCTSHX4dXXyXGK/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 02 ago. 2021.

FARIAS, Ana Gesselena da Silva et al. **Satisfaction of combined and exclusive injectable contraceptive users of progestogen and associated factors.** Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste, [S.L.], v. 18, n. 3, p. 345, 21 ago. 2017. Rev Rene - Revista da Rede de Enfermagem de Nordeste.

FARIAS, Ana Gesselena da Silva et al. **Uso seguro de anticoncepcionais hormonais injetáveis segundo critérios médicos de elegibilidade / Safe use of injectable hormonal contraceptives according to medical eligibility criteria.** Revista de Pesquisa Cuidado É Fundamental Online, [S.L.], v. 10, n. 2, p. 368-373, 2 abr. 2018. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro UNIRIO.

FEDERAL, Senado. Constituição. Brasília (DF), 1988.

FERRARI, Daniane Novais. **EFEITOS DO USO DE CONTRACEPTIVOS HORMONais EM MULHERES.** 2015. p. 6-20 f. TCC (Graduação) - Curso de Biomedicina, Centro Universitário de Brasília Faculdade de Ciências da Educação e Saúde, Brasília, 2015.

FERREIRA, Alexsandra Ribeiro; HAAS, Patricia. ALTERAÇÕES AUDITIVAS E VESTIBULARES DECORRENTES DO USO DE CONTRACEPTIVO HORMONAL ORAL: uma revisão sistemática / auditory and vestibular disorders resulting from the use of oral hormonal contraceptives. **Brazilian Journal Of Development**, [S.L.], v. 6, n. 9, p. 71523-71539, jul. 2020.

FERREIRA, Hellen Lívia Oliveira Catunda et al. **Determinantes Sociais da Saúde e sua influência na escolha do método contraceptivo.** Revista Brasileira de Enfermagem, v. 72, n. 4, p. 1044-1051, ago. 2019.

FERREIRA, Laura Fernandes; D'AVILA, A. M. F. S.; SAFATLE, Giselle Cunha Barbosa. O uso da pílula anticoncepcional e as alterações das principais vias metabólicas. **Femina. [Internet]**, v. 47, n. 7, p. 426-32, 2019.

GONÇALVES, Tonantzin Ribeiro et al. **Desigualdades sociais no uso de contraceptivos em mulheres adultas no Sul do Brasil.** Revista de Saúde Pública, v. 53, p. 28, 28 mar. 2019. Universidade de São Paulo, Agencia USP de Gestão da Informação Acadêmica (AGUIA).

KAMI, Aline Tiemi; VIDIGAL, Camila Borecki; MACEDO, Christiane de Souza Guerino. Influência das fases do ciclo menstrual no desempenho funcional de mulheres jovens e saudáveis. **Fisioterapia e Pesquisa**, [S.L.], v. 24, n. 4, p. 356-362, dez. 2017.

LEITE, Iúri da Costa. Descontinuação de métodos anticoncepcionais no Nordeste do Brasil, 1986-1991. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 19, n. 4, p. 1005-1016, 2003.

LIMA, Adman Câmara Soares *et al.* **Influence of hormonal contraceptives and the occurrence of stroke: integrative review.** Revista Brasileira de Enfermagem, [S.L.], v. 70, n. 3, p. 647-655, jun. 2017.

Manual de anticoncepção / Marta Finotti. -- São Paulo: Federação Brasileira das Associações de Ginecologia e Obstetrícia (FEBRASGO), 2015.

MARIANO, Giordana Zeferino *et al.* **Impacto do uso de anticoncepcional oral nas características e na evolução clínica de mulheres submetidas à intervenção coronariana percutânea primária.** Revista Brasileira de Cardiologia Invasiva, [S.L.], v. 23, n. 3, p. 190-194, jul. 2015.

MELO, Celia Regina Maganha e *et al.* **Uso de anticoncepcional e intenção de engravidar entre mulheres atendidas pelo Sistema Único de Saúde brasileiro.** Revista Latino-Americana de Enfermagem, [S.L.], v. 28, p. 1-11, abr. 2020.

MONTEIRO, Luciana Zaranza *et al.* Perfil alimentar e inatividade física em mulheres universitárias na cidade de Brasília. **Escola Anna Nery**, [S.L.], v. 25, n. 5, p. 1-11, jun. 2021.

NICOLAU, Ana Izabel Oliveira *et al.* **Conhecimento, atitude e prática de mulheres residentes no meio rural acerca dos métodos contraceptivos.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 14, n. 1, p. 164-70, 2012.

PEDROSA, Evelyne Nascimento *et al.* **Contraception and reproductive planning from the perspective of women with sickle cell disease.** Revista Gaúcha de Enfermagem, [S.L.], v. 42, p. 1-9, 2021.

PETTO, Jefferson *et al.* **Inflamação Subclínica em Mulheres que Utilizam Contraceptivo Oral.** Revista Brasileira de Cardiologia, [s. l.], v. 26, n. 6, p. 465-471, dez. 2013.

PETTO, Jefferson *et al.* Postprandial Lipemia and Subclinical Inflammation on Active Women Taking Oral Contraceptive. **International Journal Of Cardiovascular Sciences**, [S.L.], v. 28, n. 3, p. 215-223, 2015. Sociedade Brasileira de Cardiologia.

RIBEIRO, Cristiane Crisp Martins *et al.* **Effects of different hormonal contraceptives in women's blood pressure values.** Revista Brasileira de Enfermagem, [S.L.], v. 71, n. 3, p. 1453-1459, mar. 2018.

RODRIGUES, Marina Caricatti. **Métodos Contraceptivos Hormonais: Questões de Gênero e Impacto na Saúde Física e Mental.** Revista Textos Graduados, v. 6, n. 1, 2020.

SANTOS, Alan Carlos Nery dos *et al.* Elevation of Oxidized Lipoprotein of Low Density in Users of Combined Oral Contraceptives. **Arquivos Brasileiros de Cardiologia**, [S.L.], p. 764-770, dez. 2018.

SANTOS, Alan Carlos Nery dos *et al.* C-Reactive Protein in Oral Contraceptive Users: related factors and cardiovascular risk. **International Journal Of Cardiovascular Sciences**, [S.L.], p. 320-325, 2016.

SANTOS, Priscilla de Nazaré Silva dos *et al.* **Gasto energético e medidas antropométricas de novas usuárias do contraceptivo injetável trimestral de acetato de medroxiprogesterona de depósito.** Revista de Nutrição, [S.L.], v. 28, n. 5, p. 497-504, out. 2015.

SILVA, Celi Santos da; SÁ, Rosiane; TOLEDO, Juliana. **Métodos Contraceptivos e Prevalência de Mulheres Adultas e Jovens com risco de Trombose, no Campus Centro Universitário do Distrito Federal-UDF.** Revista de Divulgação Científica Sena Aires, v. 8, n. 2, p. 190-197, 2019.

SILVA, Tatiana Rocha; DIAS, Fernanda Abalen Martins. Amplitude das emissões otoacústicas produto de distorção e o uso de contraceptivos hormonais: estudo preliminar. **Audiology-Communication Research**, v. 18, p. 231-237, set. 2013.

SOUZA, Flávia Cristina Barros. Ansiedade, depressão e qualidade de vida em mulheres usuárias de contraceptivos hormonais orais. 2017. Dissertação (Mestrado) - Pós Graduação em Saúde do Adulto, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2017.

SOUZA, Marcela Tavares de; SILVA, Michelly Dias da; CARVALHO, Rachel de. Revisão integrativa: o que é e como fazer. Einstein (São Paulo), v. 8, p. 102-106, 2010.

SPANIOL, Claudia; SPANIOL, Mayra Muller; ARRUDA, Sonimary Nunes. Gravidez na adolescência e educação sexual: percepções de alunas do ensino médio de um município da serra catarinense. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, [S.L.], v. 19, n. 2, p. 61-83, 2019. GN1 Genesis Network.

XAVIER, Aline Silva Gomes; DE MEDEIROS LOPES, Daniela; FERREIRA, Silvia Lúcia. Uso de métodos contraceptivos por mulheres com anemia falciforme. **Ciência, Cuidado e Saúde**, [S.L.], v. 13, n. 1, p. 27-34, mar. 2014.

APÊNDICE A – Matriz de Síntese.

Nº	Título Autor(es) Ano de Publicação	Área de Conhecimento	Sujeitos da Pesquisa	Número de Participantes	Tipos de Estudo	Objetivos	Resultados	Conclusão
1	Satisfação de usuárias de anticoncepcionais injetáveis combinados e exclusivos de progestágeno e fatores associados. Farias et al. 2017 – Revista da Rede de Enfermagem do Nordeste	Enfermagem	Usuárias de anticoncepcionais injetáveis combinados e exclusivos de progestágeno.	Cinquenta e duas (52) mulheres com idade variável entre 16 e 41 anos.	Estudo Transversal – realizado em uma unidade de saúde pertencente a UFCE. (Entrevista)	Conhecer a satisfação de usuárias de anticoncepcionais injetáveis com os métodos; Identificar efeitos colaterais relacionados ao uso e verificar associação entre satisfação e variáveis sociodemográficas, especificações dos injetáveis e efeitos colaterais.	Das 52 usuárias, 51 apresentaram efeitos colaterais, os efeitos mais citados foram ganho de peso (32,6%), amenorreia (30,7%), cefaleia (28,8%), hipomenorreia (25,0%), náusea (25,0%) e hipermenorreia (15,3%).	Embora 76,9% das usuárias relataram estar satisfeitas com o uso dos injetáveis, as usuárias que apresentaram efeitos colaterais manifestaram uma satisfação menor em relação ao uso.
2	Uso seguro de anticoncepcionais hormonais injetáveis segundo critérios médicos de elegibilidade. Farias et al. 2018 – Revista: Cuidado é Fundamental Online.	Enfermagem	Usuárias de anticoncepcionais hormonais injetáveis.	Cinquenta e duas (52) mulheres com idade variável entre 16 e 41 anos.	Estudo transversal, descritivo e exploratório - realizado em uma unidade de saúde pertencente a UFC. (Entrevista)	Classificar usuárias de anticoncepcionais hormonais injetáveis (AHI) quanto ao uso seguro segundo critérios médicos de elegibilidade da Organização Mundial da Saúde (OMS) e verificar associação entre tipo de injetável e tempo de uso com o uso seguro.	Foram identificadas 44 (84,7%) mulheres em uso seguro e 8 (15,3%) inseguro. Uma (1,9%) usuária de AHI classificada na Categoria 3, relatou enxaqueca sem aura. As duas (3,8%) usuárias de AIEP também da Categoria 3, uma por enxaqueca com aura e a outra por apresentar pressão arterial diastólica igual a 100 mmHg. As cinco usuárias	Usuárias há mais de um ano tiveram uma frequência maior de uso inseguro ($p=0,001$). Pode-se observar que com o aumento do tempo de uso de AHI, o percentual de usuárias tende a diminuir. Ressalta-se a importância de manter a vigilância à saúde da usuária na medida em que o tempo do uso aumenta.

3	Efeitos adversos associados a uso de contraceptivos orais em discentes. Carrias <i>et al.</i> 2019 – Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica.	Ciências Médicas.	Estudantes de Direito, usuárias de anticoncepcionais.	Duzentos e quarenta e oito (248) mulheres com idade predominante entre 18-23 anos.	Trata-se de estudo observacional, transversal ou de prevalência e quantitativo. (Questionário Google Forms).	Investigar o número de mulheres, as causas que levam a fazer o uso e descrever os efeitos adversos mais comuns associados ao uso de contraceptivos orais de forma contínua.	de AHI classificadas na Categoria 4 relataram enxaqueca com sinais neurológicos focais e aura. Cerca de 63,8% relataram que já sentiram algum Desconforto associado ao uso destes medicamentos, sendo os mais frequentes aumento de peso corporal (32,4%), alterações de humor (24,3%), dor nas mamas (13,5%), cefaleia (4,1%), dor abdominal (2,7%). A prevalência de efeitos adversos decorrentes do uso contínuo de contraceptivos orais é alta, demonstrando os riscos associados ao uso destes medicamentos

4	Santos <i>et al.</i> 2015 – Revista de Nutrição.	Ciências Médicas.	Foram incluídas neste estudo 54 mulheres pareadas por idade (± 1 ano) e IMC (± 1 kg/m ²) as quais puderam escolher o método contraceptivo, o AMPD ou o DIU de cobre 380A.	Cinquenta e quatro (54) mulheres com idade entre 20 e 39 anos. (Sendo excluídas 2 durante o processo).	Estudo prospectivo com grupo de comparação. Através de duas coortes no período de 12 meses.	Avaliar o gasto energético e as medidas antropométricas de mulheres durante o primeiro ano de uso do método contraceptivo de acetato de medroxiprogesterona de depósito.	O presente estudo não mostrou mudanças no peso, nas medidas antropométricas e no gasto energético em novas usuárias de AMPD durante o primeiro ano de uso do método. As amostras de mulheres distribuídas nos grupos de AMPD e DIU apresentaram características similares.	Mulheres jovens e saudáveis não apresentaram mudança no peso e nas medidas antropométricas no primeiro ano de uso do AMPD.
5	Petto <i>et al.</i> 2013 – Revista Brasileira de Cardiologia.	Ciências Médicas.	Dois grupos: SCO - mulheres que não utilizavam nenhum contraceptivo e CO - mulheres que estavam em uso continuado de CO de baixa dosagem há no mínimo um ano.	Quarenta e quatro (44) mulheres com idade entre 18 e 28 anos.	Estudo analítico de corte transversal.	Verificar se a Proteína C-reativa (PCR) de mulheres que utilizam Contraceptivos Orais (CO) é maior que a de mulheres que não utilizam CO.	A mediana e o desvio interquartil da PCR do grupo SCO e do grupo CO foram respectivamente 0,5 mg/L (0,0-0,9) e 2,1 mg/L (0,9-3,2), apresentando diferença estatística significativa ($p=0,002$).	Mulheres em uso de contraceptivo oral apresentam valores mais elevados de PCR do que mulheres que não o utilizam. Logo, diante do que foi exposto, é considerável a hipótese de que mulheres em uso de contraceptivo oral apresentem maior risco potencial de desenvolvimento de doença arterial que a população feminina que não o utiliza.

6	<p>Fatores associados à descontinuação do uso de anticoncepcionais orais combinados.</p> <p>Bahamondes <i>et al.</i> 2011 – Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia.</p>	Ciências Médicas.	<p>Mulheres que consultavam o ginecologista solicitando anticoncepcional oral combinado (ACO) e fazendo o uso nos 6 meses posteriores.</p>	<p>Mil Quatrocentos e Vinte e Sete (1.427) mulheres entrevistadas, com idade entre 18-39 anos.</p>	<p>Estudo descritivo de corte transversal realizado com uma amostra não-probabilística de 400 ginecologistas do Brasil, registrados na Federação Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia.</p>	<p>Avaliar as razões para descontinuar diversos anticoncepcionais orais combinados entre mulheres brasileiras iniciantes do método, residentes em áreas urbanas.</p>	<p>Entre aquelas mulheres que descontinuaram, as principais razões dadas foram o desejo de engravidar (36,5) e os efeitos colaterais (57,3%). Os efeitos colaterais mais apontados pelas mulheres foram: Cefaleia (37,6%), sangramento uterino irregular (23,6%) e aumento de peso (16,6%).</p>	<p>Este estudo pode contribuir para que os médicos orientem melhor suas pacientes iniciantes no uso de ACO sobre os eventos adversos esperados que, em geral, são mínimos e temporários, e sobre os benefícios não contraceptivos dos ACO.</p>
7	<p>Lipemia Pós-Prandial e Inflamação Subclínica em Mulheres Ativas que Utilizam Contraceptivo Oral.</p> <p>Petto <i>et al.</i> 2015 - International Journal of Cardiovascular Sciences.</p>	Ciências Médicas.	<p>Alunas do curso de Fisioterapia da Faculdade Social da Bahia, Salvador, BA – Brasil; subdivididas em dois grupos: GA – mulheres ativas e usuárias de CO e GIA – mulheres irregularmente ativas e usuárias de CO.</p>	<p>Quarenta e quatro (44) mulheres com idade entre 19-30 anos.</p>	<p>Estudo prospectivo longitudinal.</p>	<p>Comparar os valores do perfil lipídico de jejum, da LPP e da PCR entre mulheres ativas e irregularmente ativas em uso de COC.</p>	<p>Os valores dos deltas dos triglicerídeos que representam a LPP respectivamente para o GA e GIA foram: $93 \pm 38,4$ mg/dL vs. $163 \pm 49,6$ mg/dL e $89 \pm 50,9$ mg/dL vs. $156 \pm 47,6$ mg/dL ($p < 0,01$). Os valores da PCR respectivamente para GA e GIA foram: $1,1$ mg/L ($0,4-2,1$ mg/L) e $2,1$ mg/L ($0,8-3,4$ mg/L) ($p=0,04$).</p>	<p>Mulheres ativas em uso de contraceptivo oral apresentaram triglicerídeos, lipoproteína de baixa densidade de jejum, lipemia pós-prandial e valores da PCR significativamente menores que mulheres irregularmente ativas em uso de contraceptivo oral.</p>

8	<p>Impacto do uso de anticoncepcional oral nas características e na evolução clínica de mulheres submetidas à intervenção coronariana percutânea primária.</p> <p>Mariano <i>et al.</i> 2015 - Revista Brasileira de Cardiologia Invasiva.</p>	Ciências Médicas	<p>Pacientes que foram encaminhadas para Intervenção Coronariana no período de 1º de dezembro de 2009 a 30 de maio de 2015, subdivididas em dois grupos: com e sem uso atual de ACO.</p>	<p>Duzentos e ciquenta e sete (257) mulheres, com idade < 55 anos, sendo, 19 usuárias de ACO e 238 não usuárias de ACO.</p>	Estudo Descritivo, Análítico e Exploratório.	<p>Analizar o perfil clínico, as características angiográficas, os aspectos técnicos do procedimento e os desfechos de usuárias de ACO que tiveram IAM e foram encaminhadas à intervenção coronariana percutânea (ICP) primária.</p>	<p>As mulheres em uso de ACO eram mais jovens e tinham valores mais altos de proteína C reativa e fibrinogênio. A tromboaspiração foi realizada mais frequentemente no grupo das mulheres usuárias de ACO (52,6% vs. 25,6%; p = 0,04). No acompanhamento de até 2 anos, não ocorreu nenhum evento clínico após a alta no grupo em uso de ACO.</p>	<p>Pacientes em uso de ACO encaminhadas à ICP primária mostraram perfil clínico menos grave do que mulheres em idade reprodutiva que não utilizam ACO, mas apresentaram marcadores da atividade inflamatória e trombogênica mais elevados. Estudos com maior número de pacientes são necessários para confirmar estes resultados.</p>
9	<p>Uso de métodos contraceptivos por mulheres com anemia falciforme.</p> <p>Xavier; Lopes; Ferreira, 2014 – Ciência cuidado e saúde.</p>	Enfermagem	<p>Mulheres com diagnóstico confirmado de anemia falciforme; cadastradas no serviço ambulatorial do Hospital Universitário Professor Edgar Santos (HUPES) e/ou serem vinculadas à Associação Baiana de Pessoas com Doença Falciforme (ABADFAL). Possuírem</p>	<p>Vinte e cinco (25) mulheres, sendo estas com idades entre 18-49 anos.</p>	Estudo descritivo de abordagem qualitativa.	<p>Conhecer alguns aspectos relacionados ao uso de métodos contraceptivos por mulheres com anemia falciforme.</p>	<p>Das mulheres que afirmaram utilizar métodos reversíveis (16 mulheres), os métodos mais utilizados foram o anticoncepcional injetável e o preservativo, ambos citados por oito mulheres/cada, seguido pelo método hormonal oral, citado por sete mulheres. O dispositivo intrauterino (DIU) e o implante hormonal foram</p>	<p>Além dos efeitos já comumente conhecidos, os métodos hormonais ainda podem trazer outras complicações a estas mulheres, tais como hemorragia, agravo do quadro anêmico e predisposição a eventos trombóticos. Nota-se que estes efeitos e os possíveis riscos associados aos métodos interferem diretamente na descontinuidade do uso e seu</p>

			experiências reprodutivas.				citados cada, por apenas uma mulher.	consequente abandono.
10	Amplitude das emissões otoacústicas produto de distorção e o uso de contraceptivos hormonais: estudo preliminar. Silva; Dias 2013 – Audiologia – Pesquisa em Comunicação. Versão Online.	Fonoaudiologia	Mulheres que utilizavam o método contraceptivo hormonal composto por estrógeno e progesterona, por um período igual ou superior a seis meses e mulheres que não utilizavam o método contraceptivo hormonal.	Trinta (30) mulheres com faixa etária dos 18 aos 25 anos.	Estudo piloto, de tipologia descritiva, de análise qualitativa e quantitativa.	Analizar a amplitude das emissões otoacústicas produto de distorção em mulheres que usam e que não usam contraceptivo hormonal.	Na análise estatística inferencial, verificou-se que não houve diferença entre os valores de amplitude das emissões otoacústicas produto de distorção para as frequências de 1 kHz, 1,4 kHz, 2,8 kHz, 4 kHz e 6 kHz, na orelha direita, entre o grupo de mulheres que não usam contraceptivo hormonal e o grupo das que usam.	Não houve diferença entre a amplitude das emissões otoacústicas produto de distorção entre as mulheres que usam e que não usam contraceptivo. Portanto, o uso de contraceptivo hormonal não afetou a atividade das células ciliadas externas.